

ESPAÇO JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS

Organização: CLAUDEAR CANJO

MANIAS

RAIMUNDO ANTONIO DE SOUZA LOPES
é escritor e jornalista
rsouzalopes@hotmail.com



Gosto da minha zona de conforto. Os meus amigos já sabem que não precisam me convidar para pescar e, muito menos, para caçar. Aliás, quem for meu amigo nem me venha com esse tipo de proposta – nem de uma, nem da outra.

Viajar, conhecer outros lugares, até que sinto vontade; mas, quando penso ter que me deslocar, levantar cedo, com horário preestabelecido por terceiros, entrar naqueles ônibus ou vans, por ordem de chamada (é dose ficar em fila indiana, esperando feito menino de grupo escolar, para ser chamado pelo nome – o que me causa uma espécie de ansiedade, tipo criança quando sonha com alguma coisa), para visitar lugares que eu estou cansado de ver pelas imagens da TV ou da internet, desisto. Odeio suar (gosto somente quando estou em atividade física – nas caminhadas vespertinas) e me cansar, olhando coisas. Não há necessidade, pelo menos para mim.

Gostava mesmo era de sentar numa mesa de bar, cerveja na frente, ouvindo um bolero e vendo a vida passar com todos os seus cotidianos... Ah, com um cigarro entre os dedos... isso era bom demais (só para esclarecer: não faço mais nada disso, há mais de quatorze anos). Mesa boa, porém (acredito que até hoje é assim) é aquela, em que se pode falar de tudo e de todos; e, cinco minutos depois, ninguém mais saber o que foi dito. Tirar sarro da

cara do outro, sem segundas intenções, para vê-lo tirar da sua e, depois, os dois caírem na gargalhada, não tem cartão de crédito que pague. E se, na mesa, estiver aquele poeta popular que tudo transforma em rima, ou lembra versos dos repentistas sobre tudo o que é falado, então pode descer a loira (a cachaca também), porque o tempo não passa e o dia é infundável.

Gosto, hoje em dia, na verdade mesmo, é da minha casa, do meu lado da cama, e do lençol dormido para mais de mês (não gosto dele lavadinho de ontem e com cheiro de amaciante Lírios do Campo) e do travesseiro – nem duro nem mole – que acolhe a minha cabeça e me faz sonhar mais coisas de literatura (seja prosa ou poesia) do que de conteúdo científico. Atualmente, o conhecimento formal desarruma o meu pensar, já que está organizado, metodicamente, para o ócio do sonhar e do fantasiar.

Gosto de estar na minha mesa de trabalho (sem vínculo empregatício, claro), embora, dia sim dia não, a dona da casa – de fato e de direito – teime em me colocar para outro cômodo (mas eu resisto e luto, bravamente, para permanecer onde estou, pois já me acostumei e até já falo com suas paredes). É nessa mesa que eu passo o tempo e aproveito para ler os livros que adquiro, que recebo, ou que resultam de algum escambo realizado. E, quando quero conhecer outros lugares, do Brasil ou do Mundo, é dessa mesa (e através do computador) que visito todos eles, conheço suas culturas, seus costumes e curiosidades – geográficas, históricas, religiosas e filosóficas. Não preciso, pois, nem comprar passagem, nem roupas para os diversos climas, nem sapatos, e muito menos tênis, para acompanhar as caminhadas, ou para correr contra o relógio.

Gosto, também, e já faz parte da minha rotina, do barulho que vem do bar, localizado em frente à minha casa. De lá me chegam os risos, os gritos e as comemorações (algumas vezes



exageradas em razão do consumo do etílico já de meio para cima) de aniversários, dos jogos de futebol, das serenatas, patrocinadas pelo público que frequenta o ambiente e que repete, cinco ou seis vezes, duas ou três músicas de Marília Mendonça; que pede "Rita, volta desgramada", umas dez vezes (veja aí a força etílica e as lembranças pessoais, gente!) e "Leticia do moto taxista" (em igual proporção), bem como as tradicionais melodias, cantadas em bares e restaurantes que, todas as vezes, ao serem tocadas, os copos são esvaziados.

Gosto dessa coisa chamada "povão", sem rótulos, nem etiquetas ditadas por quem não sabe o que é bom. Dizem que a simplicidade da vida é o início da felicidade. Nem sei quem disse isso, ou se fui eu que inventei agora, mas acho que faz sentido. Sair da rotina, sem ser preciso escolher viver cada dia, diferente um do outro (entenda: com suas manias e costumes já tão seus) não me apetece. É a mesma coisa que alguém chegar e dizer: – Rapaz, você está barrigudo demais! Bem, "o es-

tar barrigudo é visual, portanto, correto o que falou, embora seja falta de educação se intrometer na barriga do outro". Só que, quem falou se esqueceu de que, para aquela barriga estar daquele jeito, levou vários e vários anos de modelamentos, o que significa dizer que foram dias, meses e anos de boas comidas e variadas bebidas (um churrasco pingando sangue com aquela "crosta" de dois dedos de gordura, regado a uma caipirinha à base de vodca, limão e açúcar – mais doce do que Coca-Cola e, no seu final, uma cerveja gelada para "lavar"), bem como da falta, principalmente, de exercícios físicos. Pense aí numa coisa chata! Aí sim, repetitivo, cansativo e extremamente desconfortante para quem já se acostumou com os exercícios "naturais" de levantamento de copo e achatamento de picanha pelas mandíbulas.

Deste modo, acordar de ressaca, tomar um copo d'água, um banho depois, e ir comer aquela panelada lá na 'peda' do Mercado, para curar a ressaca (isso sendo feito, no mínimo, uns 30

anos todas as semanas), eu garanto que, em nenhum hotel do mundo, se consiga isso (a bebida sim, mas insípida de qualquer jeito, pela falta do "aconchego", da camaradagem existente no boteco da esquina de sua casa) e, como acompanhamento, uma cerveja (porque ninguém é de ferro); ou então, ser acordado, todos os dias, pelo latido do vira-latas do vizinho que, às sete da manhã, pior que despertador, abre a boca e acorda todo mundo; ou então, de outro modo mais suave, pelo bem-te-vi que canta o mesmo canto todos os dias, sempre depois do almoço, na área de sol de sua casa, diga-me, tem coisa melhor no mundo?! (Interessante, o bem-te-vi acabou de passar por aqui, de volta, sei lá de onde!). Pois é... acho que não.

Enfim, o tempo passa, os anos pessoais vão passando também e cada um carrega a certeza de que o acúmulo de todas as coisas que viveu neste período de existência serve para separar suas manias e torná-lo único no seu pensar, querer e desejar.

defato.com

DIREÇÃO GERAL: César Santos
DIRETOR DE REDAÇÃO: César Santos
GERENTE ADMINISTRATIVA: Ângela Karina
DEP. DE ASSINATURAS: Alvanir Carlos

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com TWITTER: @jornaldefato_rn | REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160
TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró) | COMERCIAL/ASSINATURAS: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685

